

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

REBECA DOS SANTOS SACCHI

**A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE  
TERCEIRA PESSOA: UMA ANÁLISE EM  
NOTICIÁRIOS DE TV DO INÍCIO DO SÉC. XXI**

SÃO CARLOS -SP

2025

REBECA DOS SANTOS SACCHI

**A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO DE  
TERCEIRA PESSOA: UMA ANÁLISE EM  
NOTICIÁRIOS DE TV DO INÍCIO DO SÉC. XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras da  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para  
obtenção do título de Licenciada em Letras  
Português/Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli

Coorientadora: Profa. Ma. Livia Oliveira Azevedo

SÃO CARLOS -SP

2025

Sacchi, Rebeca dos Santos

A variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa:  
uma análise em noticiários de TV do início do séc. XXI /  
Rebeca dos Santos Sacchi -- 2025.  
50f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Caroline Carnielli Biazolli

Banca Examinadora: Rosane de Andrade Berlinck, Lívia  
Oliveira Azevedo

Bibliografia

1. Objeto direto anafórico de terceira pessoa. 2. Gênero  
textual-discursivo. 3. Variação linguística. I. Sacchi,  
Rebeca dos Santos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**Folha de aprovação**

Assinatura da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Rebeca dos Santos Sacchi, realizada em 26/02/2025.

---

Presidenta: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

---

Avaliadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck  
Universidade Estadual Paulista – UNESP

---

Avaliadora: Profa. Ma. Livia Oliveira Azevedo  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli, pelas orientações, ideias e sugestões feitas durante o desenvolvimento deste trabalho. Por toda a paciência e compreensão que teve comigo, e por, acima de tudo, ser uma inspiração de uma excelente pessoa e profissional. Também agradeço à Profa. Ma. Livia Oliveira Azevedo, que coorientou este estudo com muita dedicação, compartilhando todo o seu conhecimento, em especial sobre o fenômeno aqui estudado e o uso do programa *R*.

Agradeço à minha família, meus pais, Renato Luís e Maria Nilce, e também a minha avó, Anita, por terem sempre acreditado em mim e me darem o suporte necessário para que esse sonho se tornasse real.

Agradeço às minhas queridas amigas, Natália Oliveira, Ana Karoline, Thainara José e Jéssica de Fátima, pelas conversas compartilhadas que me fazem refletir sobre a vida e a sociedade, que me tornam uma pessoa melhor.

Também agradeço a Luan Silva, Allisson Vicente, Paulo Henrique, Vitor Vitrio, Victor Hugo, Hugo Albino, Victor Queiroz e João Chinez que estiveram comigo durante o período da graduação, me ajudando, compartilhando o tempo juntos e tornando os meus dias melhores.

Aos meus amigos do intercâmbio, que me ajudaram a passar por esse momento especial da graduação, Noelia, Franzi, Anne, Sarah, John e Joseph.

Agradeço às professoras Rosa Yokota e Isadora Gregolin que sempre compartilharam comigo seus conhecimentos e me incentivaram durante esse processo.

Agradeço também a disponibilidade das avaliadoras da banca, por terem aceitado participar deste momento especial.

Por fim, agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura em Letras e aos demais docentes e técnico-administrativos da Universidade Federal de São Carlos, por proporcionarem aos estudantes um bom ambiente e colaborarem com o ensino e a pesquisa no Brasil.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca realizar um levantamento das ocorrências das variantes do fenômeno linguístico “objeto direto anafórico de terceira pessoa” e controlar as variáveis independentes “tema” e “traço semântico do antecedente”, em textos do gênero textual-discursivo noticiário de TV, produzidos nos anos 2000. Para isso, apresentamos um levantamento bibliográfico a respeito da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]) e do fenômeno variável analisado nesta pesquisa. Realizamos as análises e utilizamos a plataforma *R* (R Core Team, 2024) em sua interface *RStudio*, para quantificar os resultados encontrados. Os resultados desta pesquisa, que são de caráter quali-quantitativo, apontam que não houve ocorrências de pronomes lexicais anafóricos e indicam um apagamento do clítico acusativo, sendo esta a variante menos utilizada em todos os contextos analisados. Além disso, a variável “traço semântico do antecedente” mostra-se relevante, enquanto o “tema”, para o conjunto de dados examinados, não demonstra qualquer influência.

**Palavras-chave:** Objeto direto anafórico de terceira pessoa. Gênero textual-discursivo noticiário de TV. Teoria da Variação e Mudança Linguísticas.

## RESUMEN

Este trabajo de conclusión de grado busca realizar un levantamiento de los datos de las variantes del fenómeno lingüístico “objeto directo anafórico de tercera persona” y controlar las variables independientes “tema” y el “rasgo semántico del antecedente”, en textos del género textual-discursivo de informativos televisivos, hechos en los años 2000. Para eso, presentamos un levantamiento bibliográfico a respecto de la Teoría de la Variación y Cambio lingüístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]) y del fenómeno variable analizado en esta investigación. Realizamos los análisis y utilizamos la plataforma *R* (R Core Team, 2024) en su interfaz *RStudio*, para cuantificar los resultados encontrados. Los resultados de esta investigación, que son de carácter quali-quantitativo, apuntan que no hubo ocurrencias de pronombres lexicales anafóricos, y indican un apagamiento del clítico acusativo, siendo esta la variante que menos se utiliza en todos los contextos analizados. Además de eso, la variable “rasgo semántico del antecedente” se ha mostrado relevante, mientras que el “tema”, para el conjunto de datos examinados, no demuestra ninguna influencia.

**Palabras clave:** Objeto directo anafórico en tercera persona. Género textual-discursivo de informativos televisivos. Teoría de la variación y el cambio lingüísticos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### TABELA

**Tabela 1** - Fatores favoráveis ao apagamento do objeto.....18

**Tabela 2** - Condicionantes linguísticos.....19

### QUADRO

**Quadro 1** - Fases e jornais da pesquisa de Giachin (2016).....22

**Quadro 2** - Informações referentes às análises do Jornal Nacional: horas transcritas e número de palavras.....29

### FIGURA

**Figura 1** - Representação dos gêneros no *continuum* fala/escrita.....26

### GRÁFICO

**Gráfico 1** - Distribuição geral das variantes do OD anafórico de terceira pessoa em noticiários de TV.....36

**Gráfico 2** - Estratégias de realização dos objetos diretos anafóricos ao longo do tempo (Costa, 2012).....38

**Gráfico 3** - Distribuição dos resultados de acordo com a variável traço semântico do antecedente.....39

**Gráfico 4** - Distribuição dos resultados de acordo com a variável tema.....41

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	12
2.1 A Sociolinguística Laboviana.....	12
2.2 A realização do OD anafórico de terceira pessoa no Português Brasileiro.....	17
2.3 O gênero textual-discursivo notícia de TV .....	24
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	28
3.1 O material analisado.....	28
3.2 Variantes consideradas e variáveis independentes analisadas.....	29
3.3 Variáveis independentes.....	31
3.3.1 Traço semântico do antecedente.....	31
3.3.2 Tema.....	32
3.4 Decisões metodológicas.....	34
3.5 O tratamento dos dados.....	35
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	36
4.1 Resultados gerais.....	36
4.2 O traço semântico do antecedente.....	38
4.3 O tema.....	40
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano, por viver em comunidade, é um ser social, sendo conseqüentemente afetado por suas relações. A língua, por sua vez, está ligada a este fator por tornar possível uma necessidade humana básica: comunicar-se. Ao entender que o mundo é plurilíngue e que todas as línguas estão relacionadas à sociedade, surge a necessidade de pesquisas sociolinguísticas.

A Sociolinguística é a área da Linguística que estuda a língua em suas comunidades de fala, levando em consideração aspectos sociais e linguísticos (Mollica, 2010a), uma vez que a língua é um produto social, assim como tudo em uma cultura (Sapir, 1929 *apud* Beline, 2010). Notamos a importância dessa área de conhecimento, visto que ela surge com o intuito de incluir o papel social na organização das línguas, mostrando-se cada vez mais presente nos estudos e análises linguísticas.

Nesta pesquisa, nos dedicamos ao entendimento da heterogeneidade linguística do objeto direto (OD) anafórico de terceira pessoa no Português Brasileiro (PB), compreendendo, inicialmente, a que se referem os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]) e como eles podem contribuir para o conhecimento de fenômenos linguísticos variáveis do PB – no caso, o OD anafórico de terceira pessoa. No PB, é possível retomar o OD anaforicamente de quatro maneiras: com um sintagma nominal lexical pleno; com um clítico acusativo; com a categoria vazia; e com um pronome lexical. Abaixo, exemplificamos cada caso:

**(1) [sintagma nominal]**

R4: Mike May ficou cego num acidente quando criança [...]

R4: [...] o oftalmologista que operou *Mike* [...] (30/06/2000)

**(2) [clítico acusativo]**

A1: terminou nessa madrugada o sequestro que assustou a Disney World em Orlando na Flórida... o sequestrador Bismarck Rodrigues se entregou [...]

A1: Bismarck de trinta-e-nove anos disse que a ex-mulher *o* impedia de ver o filho...

(30/06/2000)

**(3) [categoria vazia]**

P: [...] segundo a Caixa Econômica o prédio inacabado será vendido agora por dezesseis milhões de reais...

P: [...] e quem **[Ø]** comprar...

(30/06/2000)

**(4) [pronome lexical]**

AM1: Eu... não consigo dormir.

Não consigo dormir porque  
fico vendo o rosto dele o tempo todo.

Vejo **ele** nos pontos de ônibus. (PT06E01) (Azevedo, 2024, p. 23)

Além disso, nesta pesquisa, descrevemos e analisamos as ocorrências desse fenômeno específico em quatro textos representativos do gênero textual-discursivo noticiário de TV, coletados por Biazolli (2016). Para tanto, contabilizamos o número de dados – a frequência de cada variante do fenômeno linguístico em análise – e controlamos duas variáveis independentes: (i) tema, devido à sua importância para a constituição do gênero textual-discursivo, e por ter sido ainda pouco explorada em estudos sociolinguísticos; e (ii) traço semântico do antecedente, posto que essa variável vem consistentemente sendo apontada como relevante para a ocorrência do fenômeno em pesquisas da área (cf. Omena, 1978; Duarte, 1986; Lima, 2016; Giachin, 2016; Azevedo, 2024).

A escolha do gênero do domínio jornalístico foi feita por materiais dessa instância discursiva “[...] ainda não terem sido suficientemente explorados pela Linguística [...]” (Biazolli, 2018, p. 18). Além disso, o fato de o noticiário de TV ser um gênero híbrido – de concepção escrita e meio sonoro (Marcuschi, 2008) – pode ocasionar uma preferência pelo uso de variantes específicas em decorrência de suas características, podendo afetar a variação linguística. Ademais, vale recordar que, atualmente, vivemos em um mundo globalizado, onde as notícias de TV seguem sendo relevantes em diversos aspectos da sociedade, justificando a relevância de se trabalhar com esse gênero textual-discursivo.

Sobre o fenômeno abordado neste estudo, o OD anafórico de terceira pessoa, a sua escolha se deu por ser um dos assuntos mais focalizados pelos estudiosos da língua, como os trabalhos de Omena (1978), Duarte (1986), Lima (2016), Giachin (2016) e Azevedo (2024) –

entre outros. Além disso, optamos por trabalhar com esse fenômeno por ele representar uma divergência entre as normas subjetivas e objetivas do PB, isto é, por haver um descompasso entre o “como se *deve realizar* o OD anafórico de terceira pessoa” e o “como, de fato, o OD anafórico de terceira pessoa *é usado*”.

Nas próximas seções, avançamos em relação à discussão dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e à apresentação do OD anafórico de terceira pessoa, bem como contextualizamos o universo desta pesquisa, discutimos os resultados obtidos e tecemos as considerações finais – além de listarmos as referências utilizadas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutimos sobre a Sociolinguística Laboviana e o fenômeno variável analisado nesta pesquisa – o OD anafórico de terceira pessoa –, além de discorrer brevemente sobre o gênero textual jornalístico noticiário de TV.

### 2.1 A Sociolinguística Laboviana

Antoine Meillet foi o primeiro linguista a considerar o caráter social da língua, definindo-a como um fato social (Calvet, 2002). Suas ideias eram parecidas com as do sociólogo Émile Durkheim, que considerava a linguagem exterior aos indivíduos e um fato eminentemente social. Reproduzindo as palavras do linguista francês, segundo Calvet (2002, p. 13-14),

A linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é, contudo, por sua generalidade, exterior a eles.

Após a publicação póstuma do “Curso de Linguística Geral” (Saussure, 2012[1916]), Meillet, que era considerado um dos discípulos de Saussure, distanciou-se de suas ideias, pois acreditava não ser possível separar a variação linguística das condições externas das quais ela depende. Além disso, buscava explicar a estrutura linguística pela história, posição próxima a que estará presente mais adiante nas obras de William Labov. Meillet acreditava que a língua é, ao mesmo tempo, um fato social e um sistema que tudo contém:

Mesmo que Saussure e Meillet utilizem quase a mesma fórmula, eles não lhe dão o mesmo sentido. Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade, é somente nela que ela é social, enquanto, [...], Meillet dá à noção de *fato social* um conteúdo muito mais preciso e muito durkheimiano [...] (Calvet, 2002, p. 16-17).

Portanto, as posições que Meillet tomou em relação ao fator social da língua estão em contradição com as dicotomias saussurianas (sincronia e diacronia), e com o fato de Saussure acreditar que a Linguística tem por objeto unicamente e verdadeiramente a língua em si mesma

(Calvet, 2002)<sup>1</sup>.

Outros estudos também levaram em conta o contexto sociocultural da língua, como o de Basil Bernstein, especialista inglês em Sociologia da Educação, sendo o primeiro a “[...] levar em consideração, ao mesmo tempo, as produções linguísticas reais (o que era feito em pequeníssima escala pelos autores inspirados no marxismo) e a situação sociológica dos falantes” (Calvet, 2002, p. 25-26). No entanto, somente em 1964, um encontro liderado por William Bright marcou o nascimento da Sociolinguística, surgindo, assim, uma nova maneira de se fazer Linguística (Calvet, 2002). Neste encontro, 25 pesquisadores se reuniram para debater a Sociolinguística. Muitos temas foram abordados nesse evento, dentre eles: a planificação linguística (Haugen), a etnologia da variação linguística (Gumperz) e a hipercorreção como fator de variação (Labov) (Calvet, 2002).

William Bright relacionou *linguagem e sociedade*, porém, somente com os estudos de William Labov, entendeu-se, de fato, que Sociolinguística é Linguística, visto que a língua é um fato social (Calvet, 2002). Entre as várias contribuições de Labov, o linguista norte-americano liderou, nos Estados Unidos, pesquisas com análises contrastivas das variedades do inglês (Bortoni-Ricardo, 2014). Dois de seus estudos, feitos na década de 1960, são amplamente citados: a investigação da pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/, em Martha’s Vineyard, e a pesquisa sobre a estratificação social do /r/ pós-vocálico em três lojas de departamento de Nova Iorque.

A partir desses estudos teórico-metodológicos, Labov e outros estudiosos (Weinreich e Herzog) criaram a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (TVM) (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]), que possibilitou relacionar *sociedade, língua e identidade*, analisando e sistematizando os diferentes tipos de variação linguística.

Na Sociolinguística Laboviana (também conhecida como Variacionista ou Quantitativa), a variação é inerente a qualquer língua, por esta ser um sistema heterogêneo e não homogêneo, como propuseram Saussure e Chomsky. Um estudo sociolinguístico, que se utiliza de maior rigor metodológico, busca comprovar que não existe um caos linguístico, mas que a variabilidade linguística é sistemática e regular. Dessa forma, podemos compreender como acontecem as variações e as mudanças dentro dos sistemas linguísticos a partir da análise de dados representativos da fala dos informantes (Tarallo, 2007[1986]). Associado a isso, Mollica (2010b, p. 27) afirma que:

---

<sup>1</sup> Vale mencionar que a decisão tomada por Saussure (2012[1916]) de não considerar questões sociais em suas discussões foi de cunho metodológico.

[...] a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico.

Dessa maneira, a Sociolinguística estuda a língua em uso, e é considerada uma das subáreas da Linguística, que correlaciona aspectos linguísticos e sociais (Mollica, 2010a). Além da variação e da mudança linguística, a Sociolinguística possui outras áreas de interesse, como o contato linguístico, questões relativas ao surgimento e à extinção de línguas e o multilinguismo (Mollica, 2010a). Interessa-nos nesta pesquisa sobretudo as variações que ocorrem nas línguas.

Sabemos que todas as línguas podem variar e mudar, portanto, é importante ressaltar que a variação e a mudança linguística são processos diferentes. A variação é a coexistência de várias maneiras de expressar um mesmo significado; já a mudança é quando certos usos são tão recorrentes que levam outros à inexistência. A partir disso, Naro (2010, p. 43) reitera que:

Todos sabemos que as línguas mudam com o tempo. Basta a compararmos o português com o latim, ou até com o próprio português da época medieval, para notarmos diferenças em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia, etc. Essa mudança a longo prazo, através dos séculos, não se processa de maneira instantânea ou abrupta, como se numa determinada manhã a população inteira acordasse falando de maneira diferente da do dia anterior. De fato, as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões.

Vemos que a mudança linguística não acontece de maneira regular e mecânica a curto prazo. As variações ocorrem em várias etapas de evolução, e, em um espaço longo de tempo, as estruturas da língua podem ser afetadas e ocasionar uma mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]).

É importante levar em consideração que essas variações não são aleatórias, há algumas motivações que fazem com que falemos de uma forma e não de outra, e, apesar das diversas variações existentes no PB, a língua é um sistema regrado. Sobre isso, Coelho *et al.* (2015, p. 13) afirmam que:

[...] **a língua é um sistema** organizado – tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental.

As forças que organizam uma dada língua são chamadas de “condicionadores” (Coelho *et al.*, 2015). Os condicionadores, como o próprio nome já diz, vão condicionar as nossas escolhas entre uma ou outra variante e ajudar a reconhecer quais são os contextos em que mais aparece uma variante de uma variável em estudo. Além disso, também estão ligados a aspectos internos e externos da língua, sendo, respectivamente, *condicionadores linguísticos* e *extralinguísticos*. (Coelho *et al.*, 2015). Ambos os tipos de condicionadores podem favorecer ou desfavorecer a escolha de uma variante; por exemplo, no caso dos condicionadores linguísticos, observamos quais aspectos morfológicos, morfossintáticos, lexicais, entre outros, podem levar à variação. No caso dos condicionadores extralinguísticos, verificamos de que modo fatores como a faixa etária, o gênero e o nível de escolaridade do falante – entre outros – podem exercer influência na realização dos fenômenos da língua.

Outro ponto importante para um melhor entendimento da Sociolinguística Laboviana é compreender qual é a diferença entre os termos *variação*, *variável*, *variante* e *variedade*, pois cada um desempenha uma função distinta.

O termo *variação* diz respeito à alternância de formas linguísticas que, ao serem substituídas por outras, continuam com o mesmo significado (Coelho *et al.*, 2015), por exemplo, quando usamos no PB o *tu* e o *você* – a forma muda, mas o sentido se mantém, pois os dois termos exercem a função de pronome de 2ª pessoa.

Denominamos *variável* o lugar na gramática em que se situa a variação, de forma mais abstrata. O exemplo anterior, de *tu* e *você*, se refere à variável “expressão pronominal de segunda pessoa”, e cada uma dessas formas – o *tu* e o *você* – são *variantes*, já que, individualmente, disputam quem expressará a variável (Coelho *et al.*, 2015). As variantes podem ter um uso mais ou menos frequente, a depender do ambiente linguístico ou extralinguístico em que elas se encontram. Para que variantes sejam, de fato, variantes, elas precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto, mantendo o significado referencial/representacional (Coelho *et al.*, 2015).

*Variedade*, por último, é o nome que damos à fala característica de determinado grupo; nesse sentido, podemos olhar a língua sob uma perspectiva geográfica, social etc. (Coelho *et al.*, 2015). Quando falamos em uma variedade culta, por exemplo, nos referimos a uma variedade associada a pessoas que ocupam as camadas mais altas da sociedade, consequentemente, utilizada por pessoas mais escolarizadas e com um poder aquisitivo maior (Coelho *et al.*, 2015).

De acordo com Bagno (2010), as variedades podem ocorrer por diferentes fatores, dentre eles, fatores geográficos e socioeconômicos, como citado acima, mas também por questões de gênero, de nível de escolaridade, entre outras:

A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: *de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais* etc. (Bagno, 2010, p. 20).

Podemos notar que são muitas as variações que estão presentes no PB e, que, de acordo com suas características, recebem diferentes nomes. Podemos encontrar variações que se dão através do tempo (diacrônicas), as que se dão por diferentes regiões (diatópicas), quando comparamos diferentes estratos sociais de uma população (diastráticas), as variações que acontecem em decorrência da diferença entre a fala e a escrita (diamésicas) (Ilari; Basso, 2009), e, também, as que se referem às diferenças que ocorrem em função da situação comunicativa (diafásicas)<sup>2</sup>.

As variações, embora inerentes a quaisquer línguas, nem sempre são vistas como fenômenos naturais, sem apreciações valorativas sobre elas. Na esteira de juízos de valor, variedades socialmente estigmatizadas são, com regularidade, alvo de preconceitos e julgamentos de pessoas ou grupos que possuem maior prestígio no contexto social. É importante que possamos entender de onde surgiram esses preconceitos e a que fatores sociais estão associados, para que, assim, cada pessoa possa compreender que todas as variedades são legítimas. Nesse sentido, Bagno (2010, p. 2010) afirma que:

[...] aquilo que parece “errado” ou “estranho” no português não padrão é, na verdade, resultado da ação de tendências muito antigas na língua, que são refreadas, reprimidas pela educação formal, pelas regras da linguagem literária, oficial, escrita, mas que encontram livre curso na boca do povo (Bagno, 2010, p. 113).

O português não padrão é apenas outra forma de usar a língua, e tudo o que parece erro tem uma explicação lógica e científica (linguística, histórica, sociológica etc.), sendo necessário desmistificar a ideia de que falar diferente é falar “errado” (Bagno, 2010). O PB, assim como todas as línguas, varia e muda de acordo com diversas das características citadas nesta subseção.

---

<sup>2</sup> Tais noções estão na base dos pressupostos sociolinguísticos e as encontramos ainda em Coseriu (1980).

Ter acesso ao português padrão, obviamente, é algo importante para que todos possam ter acesso à variedade prestigiada. Porém, é necessário entender que os estudos científicos mostraram – e continuam a mostrar – que as diferentes formas da língua são reflexos da diversidade humana e da constante adaptação da linguagem às necessidades comunicativas de seus falantes. Isso torna obsoleta a ideia de que existe uma única maneira “correta” de usar a língua. Assim, Bagno (2010, p. 158-159) conclui que:

Não existe uma “variedade-padrão”. E por que não existe? Porque para nos referirmos a uma *variedade* de língua, é preciso também, obrigatoriamente, nos referirmos aos *seres humanos que falam essa variedade*. Ora, quando falamos de *padrão* não estamos falando de uma variedade de língua viva, concreta, palpável, que a gente possa gravar em fita ou coletar em textos escritos. O *padrão* é sempre um modelo, uma referência, uma medida, um critério de avaliação. Um padrão nunca é a própria coisa a ser medida, avaliada. Por isso, usar a expressão variedade-padrão chega a ser um paradoxo.

Após esta breve apresentação do contexto de emergência da Sociolinguística Laboviana, e o apontamento de algumas noções caras a essa área de conhecimento, seguimos, na próxima subseção, com o fenômeno linguístico analisado nesta pesquisa: o OD anafórico de terceira pessoa.

## **2.2 A realização do OD anafórico de terceira pessoa no Português Brasileiro**

Como vimos na subseção anterior, todas as línguas passam por variações – o que pode, ou não, acarretar mudanças. Sendo assim, um dos fenômenos variáveis do PB é o OD anafórico de terceira pessoa, estudado por vários pesquisadores como Omena (1978), Duarte (1986), Lima (2016), Giachin (2016) e Azevedo (2024), para citar alguns<sup>3</sup>.

Vários desses estudos apontam para uma perda dos clíticos acusativos de terceira pessoa, que ocupam um lugar de objeto direto. Esse processo mostra uma distância entre o PB e outras línguas românicas, a ponto de configurar uma característica própria da gramática do PB (Oliveira, 2007). Uma das primeiras estudiosas a se interessar por isso, tendo encontrado em uma amostra preliminar apenas três clíticos, foi Omena (1978).

Em sua dissertação, Omena (1978) se baseou em uma pesquisa inicial, na qual analisou a realização do OD anafórico a partir de uma gravação de 4 horas e 30 minutos de um

---

<sup>3</sup> Para a escolha de tais estudiosos, selecionamos os estudos pioneiros a respeito do tema, e também os trabalhos atuais, para mostrar como tal fenômeno tem sido utilizado pelos falantes ao longo do tempo.

universitário de 19 anos, natural de Uberlândia (MG), e avançou no estudo do fenômeno. Os resultados obtidos a partir das quase 5 horas de gravação mostraram os fatores abaixo como condicionadores do apagamento do objeto:

**Tabela 1** - Fatores favoráveis ao apagamento do objeto

<b>Fatores favoráveis</b>	<b>%</b>
Ser inanimado	94,6
Referência a um antecedente que, na oração, exerce função de complemento	90,9
Menor complexidade sintática, ou seja, o item apagado exerce apenas uma função dentro da oração	83,0
Posição medial do item na oração	86,4
Distância menor entre o antecedente e o objeto, ou seja, de 0 a 5 constituintes	82,8

**Fonte:** Omena (1978, p. 45 *apud* Lima, 2016, p. 46)

A pesquisadora, então, ao constatar que houve um baixo nível de uso dos clíticos acusativos, decidiu investigar se a realização dessa variável estaria socialmente condicionada, especialmente pela escolaridade dos falantes. Dessa forma, ela gravou a fala de quatro informantes não escolarizados: dois homens (25 e 42 anos) e duas mulheres (26 e 42 anos), sendo todos alunos do MOBRAL<sup>4</sup>, da mesma classe social e moradores do Rio de Janeiro.

As gravações tiveram duração de 24 horas e, dentre as três variantes consideradas (clítico acusativo, pronome lexical e objeto nulo), a pesquisadora observou os seguintes percentuais de realização do OD anafórico: 76% de objeto nulo, 24% de pronome lexical e 0% de clítico. Os seguintes traços foram encontrados, relacionados ao apagamento do pronome-objeto – isto é, ao objeto nulo:

<sup>4</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um programa do governo brasileiro que teve como objetivo alfabetizar jovens e adultos.

**Tabela 2 - Condicionantes linguísticos**

Condicionantes	%
Traço semântico inanimado	95,1
O antecedente exerce a função de complemento	86,5
O item apagado exerce apenas uma função dentro da oração	78,6
O antecedente não aparece reforçado	84,3
Presença de mais de um candidato ao papel de antecedente	82,5

Fonte: Omena (1978, p. 88 *apud* Lima, 2016, p. 47)

Os resultados obtidos por Omena foram significativos para mostrar o desaparecimento do clítico acusativo no PB. A pesquisa ainda pôs em evidência, segundo Lima (2016, p. 49):

[...] alguns dos fatores condicionantes para o uso mais frequente de uma variante em detrimento de outra, como, por exemplo, o traço [-animado] do antecedente e o antecedente exercendo a função de complemento, e destaca duas variantes concorrentes (objeto nulo e pronome lexical), sendo que a mais produtiva foi a do objeto nulo ou categoria vazia (76%) em oposição ao emprego do pronome lexical (24%).

Duarte (1986)<sup>5</sup> continuou com tais estudos e contemplou em sua investigação o uso da variante *sintagma nominal anafórico*. A pesquisadora decidiu realizar sua investigação a partir do pressuposto de que o uso do clítico acusativo no PB é resultante do ensino formal ministrado na escola (Duarte, 1986). Sua pesquisa foi baseada no critério de escolaridade, já que pesquisas anteriores, como a de Omena (1978), se baseavam em falantes não alfabetizados. Assim, os informantes foram divididos em três grupos: 1º grau completo ou incompleto; 2º grau; e 3º grau. Também foram consideradas as faixas etárias dos informantes, sendo divididos em: (I) 22 a 33 anos; (II) 34 a 45 anos; (III) 46 em diante (Duarte, 1986). Além disso, foi criado outro grupo composto por cinco jovens com idades entre 15 e 17 anos, todos estudantes da 8ª série do ensino fundamental, com o objetivo de adicionar ao *corpus* uma forma de expressão utilizada por uma geração mais jovem, que serviria como um controle de suas variantes.

Todas as pessoas eram residentes de São Paulo desde pequenas ou paulistanas. No total, no que se referia à língua falada, Duarte (1986) analisou dados extraídos de 50 entrevistas sociolinguísticas, aproximadamente 40 horas de gravação, de 4 horas de episódios de novelas e de 4 horas de entrevistas televisivas. Em relação às entrevistas sociolinguísticas, para que se

<sup>5</sup> Duarte (1986) também reuniu uma amostra de textos escritos.

pudesse obter dados de fala natural, as narrativas das conversas foram conduzidas para que os participantes se sentissem confortáveis de maneira que não tivessem preocupações com a língua (Duarte, 1986).

Duarte (1986) mostrou que é possível retomar o OD anaforicamente no PB de quatro maneiras: por intermédio de (1) um clítico acusativo, (2) um sintagma nominal lexical pleno, (3) um pronome lexical e (4) uma categoria vazia. Para ilustrarmos cada caso, apresentamos abaixo os exemplos construídos pela autora:

Há quanto tempo você conhece a Maria? Poderíamos ter qualquer uma das quatro formas:

- (1) *Eu a conheço há muitos anos.*
- (2) *Eu conheço a Maria há muitos anos.*
- (3) *Eu conheço ela há muitos anos.*
- (4) *Eu conheço (e)<sup>6</sup> há muitos anos.* (Duarte, 1986, p. 1)

Segundo Duarte (1986), a possibilidade de haver uma categoria vazia (4) e de fazer a retomada por intermédio de um pronome lexical (3), como mencionado anteriormente, são características que diferenciam o PB de algumas línguas românicas, como o francês, o espanhol, o italiano – línguas que seguem utilizando o clítico acusativo –, tornando agramaticais tais possibilidades nessas línguas. Diante de seus resultados, Duarte (1986, p. 68) concluiu que:

[...] de todas as formas variantes de realização do objeto direto anafórico, a menos utilizada no *corpus* analisado é o clítico acusativo (4,9%), seguindo-se o uso do pronome lexical (15,4%), os SNs lexicais plenos e o pronome “isso” (17,1%), e, finalmente, o uso de uma categoria vazia (62,6%) (Duarte, 1986, p. 68).

Os resultados encontrados por Duarte apontaram para um uso mais frequente de uma categoria vazia que também é usada na língua escrita, e um uso menor do clítico acusativo. Na fala, foi constatada uma preferência pelo uso do pronome lexical (Duarte, 1986). A pesquisa também mostrou que, no PB, o favorecimento do uso do pronome lexical é devido a um traço [+ animado] do antecedente, enquanto a categoria vazia possui preferência por um traço [- animado] e o clítico ocorre em situações em que há orações simples (SVO) (Duarte, 1986).

Os resultados mostraram que, em termos percentuais, não houve grande diferença na fala se considerado o fator escolaridade. O que ocorreu foi uma preferência dos falantes com um nível de escolaridade mais alta e com maior faixa etária pela utilização de sintagmas

---

<sup>6</sup> A autora, em nota, indica: “O símbolo (e) será usado para representar uma categoria fonologicamente nula [...]” (Duarte, 1986, p. 4).

nominais anafóricos, ao invés do pronome lexical, usando este último apenas em construções mais complexas (Duarte, 1986).

Estudos mais recentes também foram realizados, como o trabalho de Lima (2016) sobre o OD anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza. A pesquisadora analisou a realização do uso do clítico acusativo, do sintagma nominal anafórico, do pronome lexical e da categoria vazia no português falado em Fortaleza, partindo do princípio de que a faixa etária das pessoas mais velhas e o nível de escolaridade maior favoreceriam o uso do clítico acusativo e o oposto favoreceria o uso do sintagma nominal anafórico, do objeto nulo ou da categoria vazia.

Foram analisados os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciariam as formas do OD anafórico para verificar se haveria ou não indícios de processo de mudança ou de variação estável (Lima, 2016). Para isso, foram utilizadas gravações de 107 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e dois tipos de inquéritos compuseram o *corpus*: DID (Diálogo entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes) (Lima, 2016).

Os informantes foram estratificados em função do sexo, da faixa etária e da escolaridade (Lima, 2016). Os resultados gerais dos usos do OD anafórico de terceira pessoa foram: (I) clítico acusativo (0,4%); (II) sintagma nominal anafórico (38,2%); (III) pronome lexical (23,6%); (IV) objeto nulo ou categoria vazia (37,7%) (Lima, 2016). Além disso, os fatores foram selecionados nesta ordem, de acordo com os pesos relativos: traço semântico do antecedente; presença ou ausência do sujeito; forma verbal; escolaridade; e sexo (Lima, 2016). Através dos resultados obtidos, segundo a pesquisadora, os clíticos estão se tornando cada vez menos usados no PB, enquanto o emprego do pronome lexical ocorre de forma espontânea na língua falada. Isso pode indicar que os falantes, independentemente do nível de escolaridade, estão aceitando o uso de uma forma linguística que não é reconhecida pela norma gramatical (Lima, 2016). Em resumo, a pesquisa de Lima (2016) apontou para a mesma direção que os resultados obtidos por Duarte (1986): tem ocorrido o apagamento do clítico acusativo no PB e o uso do pronome lexical é crescente na língua falada.

Outro estudo que se mostrou relevante para esta pesquisa foi o trabalho de Giachin (2016), por analisar o OD anafórico de terceira pessoa em textos do gênero jornalístico. A pesquisadora realizou um estudo que, entre outros objetivos, tencionava analisar:

[...] as variadas formas de realização do objeto direto anafórico em textos diacrônicos do Português Brasileiro (PB), mais especificamente no dialeto catarinense, em textos publicados em periódicos que circularam na cidade de Florianópolis (SC) (Giachin, 2016, p. 8).

O *corpus* utilizado por Giachin (2016), composto por doze jornais, foi separado de acordo com os anos dos jornais que circulavam na cidade de Desterro/Florianópolis, entre a primeira e a segunda metade do século 19 e a primeira metade do século 20, como apresentado abaixo:

**Quadro 1** - Fases e jornais da pesquisa de Giachin (2016)

<b>1ª fase (1832 a 1850)</b>	<b>2ª fase (1897 a 1901)</b>	<b>3ª fase (1945 a 1950)</b>
O Expositor (1832, 1833)	O Estado (1897, 1898, 1899, 1900)	Diário da Tarde (1945, 1948)
O Relator Catharinense (1845)	A Ideia (1900)	O Colegial (1945, 1946, 1947, 1948)
O Conciliador Catharinense (1849, 1850)	Mercantil (1900)	O Mariano (1945, 1946, 1947, 1948)
O Novo Iris (1850)	Regeneração (1900, 1901)	A Patrulha (1950)

**Fonte:** Adaptado de Giachin (2016, p. 59)

Os resultados da pesquisa mostraram que, na primeira fase, o OD anafórico ocorreu 134 vezes, correspondendo a 62,7% de clíticos, 23,9% de sintagmas nominais, 10,4% de objetos nulos e 3% de pronomes demonstrativos.

Na segunda fase, num total de 116 dados, as ocorrências do OD anafórico mostraram que houve um aumento do uso do clítico acusativo, correspondendo a 72,4%. Os sintagmas nominais corresponderam a 19,8%, os objetos nulos a 6% e os pronomes demonstrativos a 1,7%.

Constatou-se, na terceira fase, a realização de 209 dados de OD anafórico, distribuídos em 58,4% dados de clíticos, 23,4% dados de sintagmas nominais, 17,2% de objetos nulos e 1% de demonstrativos. Para Giachin (2016, p. 119),

[...] nas três épocas estudadas, constatamos que o uso de pronomes demonstrativos é muito baixo se comparado às demais possibilidades de realização dessa posição. Quanto às outras estratégias, o uso de sintagmas nominais anafóricos apresenta uma relativa estabilidade, enquanto os índices de uso de clíticos diminuem. Contudo, constatamos nessa posição um aumento dos índices de objeto nulo.

Para finalizar esta subseção, citamos o estudo realizado por Azevedo (2024), por ser um dos trabalhos mais recentes acerca do fenômeno. A pesquisa teve como objetivo:

[...] averiguar, por intermédio de um estudo descritivo-comparativo, como se dá a realização do OD anafórico em legendas audiovisuais da série *Grey's Anatomy*, buscando compreender não só quais são os aspectos internos e externos que influenciam suas ocorrências, mas também se há uma diferença relevante entre as legendas profissionais, mais institucionalizadas, e as amadoras, que são voluntariamente produzidas (Azevedo, 2024, p. 27).

O trabalho constituiu um *corpus* de legendas audiovisuais com duas amostras: uma de legendas profissionais e outra de *fansubs*, por pressupor que poderiam gerar resultados diferentes (Azevedo, 2024). Além disso, Azevedo (2024) levou em consideração as características da legenda a partir do conceito de gênero textual-discursivo, fazendo um trabalho descritivo do OD anafórico de terceira pessoa. As legendas profissionais foram extraídas da série *Grey's Anatomy*, presentes na plataforma de *streaming Amazon Prime Video*, e as feitas por fãs, baixadas no *site* Legendas TV.

As ocorrências encontradas mostraram um equilíbrio do *corpus*, sendo 754 de legendas profissionais e 720 de legendas feitas por fãs, totalizando um total de 1474 ocorrências de OD anafórico de terceira pessoa. O resultado completo do *corpus*, tendo em vista os ODs que retomam antecedentes de todas as naturezas, apontou para a seguinte distribuição: objeto nulo (43,1%), clítico acusativo (36,7%), sintagma nominal (19,1%) e pronome lexical (1,2%). Porém, ao retirar os dados com antecedentes oracionais/predicativos, restando um total de 972 ocorrências (487 de legendas profissionais e 485 de *fansubs*), a pesquisadora constatou que o clítico acusativo foi o mais utilizado, correspondendo a 55.7% dos casos, seguido do objeto nulo, com 31%, do sintagma nominal, com 11,6%, e do pronome lexical, com 1.7%.

Diferentemente dos resultados encontrados nas pesquisas mencionadas anteriormente, os resultados de Azevedo (2024) nos mostram um uso maior do que o esperado de ocorrências do clítico acusativo. A autora pontuou que uma possível explicação para isso fosse o fato de a legenda não conseguir se desprender totalmente da modalidade escrita, e que, além disso, o uso dos clíticos, nesse caso, poderia estar ligado às exigências dos aspectos técnicos das produções das legendas, indicando, assim, que o gênero textual-discursivo possui forte influência na preferência pelas variantes do OD anafórico de terceira pessoa.

Todos os estudos citados nesta pesquisa apontaram para a importância de dar continuidade às análises do OD anafórico de terceira pessoa, visto que se trata de uma variável significativa do PB. Na próxima subseção, abordamos o conceito de gênero textual-discursivo

e sua importância em pesquisas variacionistas. Além disso, discorreremos brevemente sobre o gênero presente nesta pesquisa: o noticiário de TV.

### 2.3 O gênero textual-discursivo noticiário de TV

Ao longo da história, a maneira como guardamos e produzimos conhecimento vem se especializando (Lage, 2006). Antigamente, as sociedades cuja oralidade era a única forma de armazenar conhecimento possuíam uma quantidade limitada de gêneros (Marcuschi, 2005), contexto este diferente do cenário atual de nossa sociedade. Sendo assim, para Marcuschi (2005), os gêneros estão incorporados nas culturas, sendo mais relacionados às esferas comunicativas, cognitivas e institucionais, do que às linguísticas. O autor define *gênero textual* como:

[...] uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante (Marcuschi, 2005, p. 22-23).

Segundo Marcuschi (2005), os gêneros são necessários, pois ajudam a ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. O autor parte do pressuposto defendido por Bakhtin (1997 *apud* Marcuschi, 2005) e por Bronckart (1999 *apud* Marcuschi, 2005) de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero e por um texto, de modo que a comunicação verbal só é possível através de um gênero textual (Marcuschi, 2005).

Assim como a proposta feita por Marcuschi, outras análises a respeito dos gêneros surgiram ao longo dos anos, todas influenciadas pelas ideias de Bakhtin (Meurer; Bonini; Motta-Roth, 2005). De acordo com o pensamento bakhtiniano,

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no *conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (Bakhtin, 2016[1979], p.11-12).

O *campo da atividade humana* citado acima diz respeito aos diferentes âmbitos em que um indivíduo age, podendo ser, por exemplo, o jornalístico (Azevedo, 2024). Para Bakhtin (2016[1979]), as possibilidades da atividade humana seriam inesgotáveis, pois, com o passar do tempo, cada campo se desenvolve e se torna cada vez mais complexo. Portanto, “[...] se cada campo elabora seus próprios gêneros, seriam estes também inúmeros, adaptando-se tanto às tradições anteriormente estabelecidas como às novas especificidades que podem surgir em cada atividade [...]” (Azevedo, 2024, p. 43).

Marcuschi e Bakhtin utilizam duas terminologias distintas, sendo elas, respectivamente, *gênero textual* e *gênero discursivo*. Nesta pesquisa, optamos pelo uso do termo *gênero textual-discursivo*, uma vez que reconhecemos tanto as características textuais (materiais) do gênero como as discursivas<sup>7</sup>.

Atualmente, com a invenção da escrita e com o avanço das tecnologias, surgiram novos gêneros e, com eles, novas formas de comunicação. Dentre elas, figura o *noticiário de TV*, que derivou do gênero notícia, incluindo elementos visuais, sonoros e a narração ao vivo ou gravada. Segundo Lage (2006, p. 16):

Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como *o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante*. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los.

O *noticiário de TV*, assim como a notícia, ajuda a moldar as opiniões – e, para isso, nem sempre expõe os acontecimentos da maneira mais neutra possível, pois existem interesses políticos e ideológicos por trás das emissoras que comandam os seus editoriais (Biazolli, 2016).

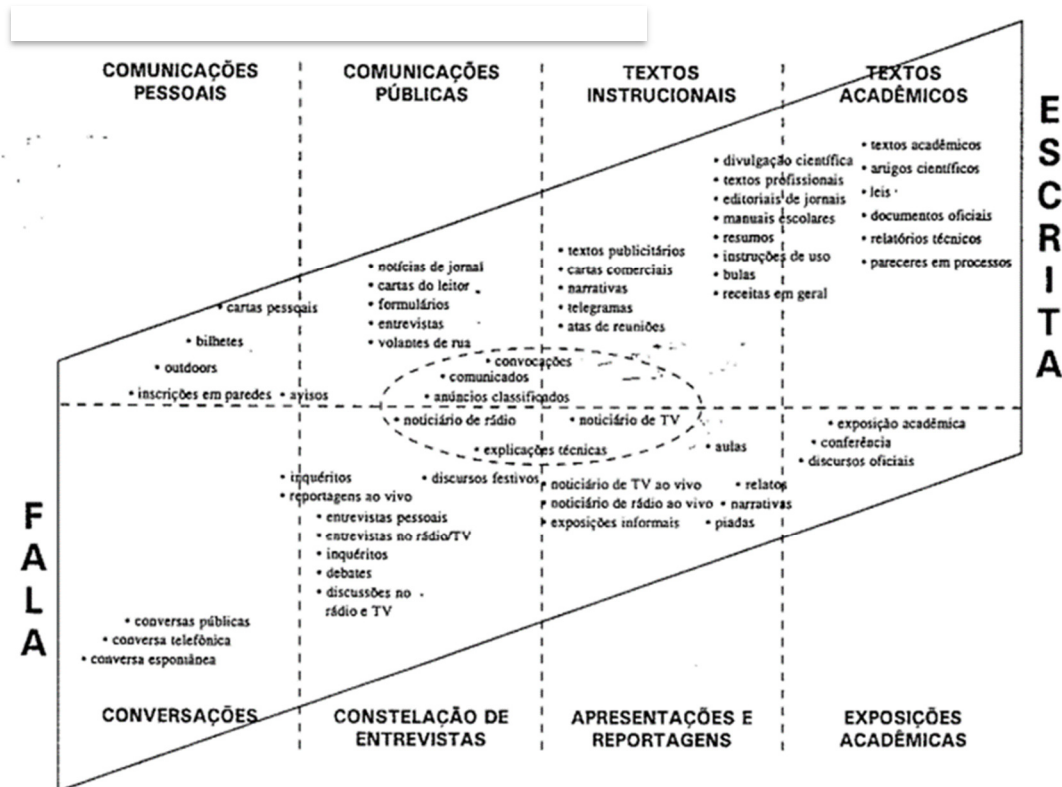
---

<sup>7</sup> Para saber mais sobre a escolha do termo, ver Biazolli e Berlinck (2021).

Constitui-se, segundo Marcuschi (2010), como um gênero híbrido, sendo de concepção escrita e meio oral<sup>8</sup>.

Na figura abaixo, reproduzida de Marcuschi (2010), notamos o *continuum* fala/escrita elaborado pelo autor, no qual se distribuem os gêneros.

**Figura 1** - Representação dos gêneros no *continuum* fala/escrita



**Fonte:** Marcuschi (2010, p. 41)

Para Marcuschi (2010), existem gêneros que são típicos da fala, de concepção oral e meio sonoro, mais à esquerda do *continuum*; gêneros típicos da escrita, de concepção escrita e meio gráfico, mais à direita do *continuum*; e gêneros híbridos, que combinam características de ambos as modalidades de uso da língua, na zona intermediária do *continuum* – no caso, o noticiário de TV, como já dito, é híbrido; por isso, encontra-se no tracejado no meio da figura.

Dada a importância dos gêneros textuais-discursivos<sup>9</sup>, é importante pontuar que esta pesquisa se baseou na proposta feita por Biazolli (2016), ao fazer uso dos noticiários de TV

<sup>8</sup> Por “concepção”, Marcuschi (2010) entende a maneira como um texto é concebido, ligando-se ao âmbito da produção. Já o termo “meio” diz respeito à via por meio da qual um enunciado é comunicado, relacionando-se à recepção.

<sup>9</sup> Seguindo a escolha de Biazolli e Berlinck (2021), e evitando deliberadamente a norma-padrão que prescreve o uso de “gêneros textual-discursivos”, decidimos usar o termo “gêneros textuais-discursivos” por destacar a importância tanto de questões relacionadas à superfície textual quanto das condições de produção de um determinado enunciado.

organizados pela autora. Biazolli (2016) analisou o fenômeno variável da posição de clíticos pronominais em quatro gêneros jornalísticos<sup>10</sup>, distribuídos em *continua* (estilístico e fala/escrita), que foram produzidos nos primeiros anos do século XXI. Segundo a autora, haveria diferenças na proporção do uso de variantes linguísticas dependendo do gênero analisado. Sendo assim, ela se baseou nas correlações entre variação e gênero textual-discursivo, levando em consideração as características situacionais do próprio gênero analisado.

Em sua tese, Biazolli (2016) pontua que o gênero se caracteriza como um evento próprio, que regula o estilo de um ato de fala. Assim como Biazolli (2016), Azevedo (2024), para citar apenas mais um trabalho entre outros que lidam com as inter-relações entre variação e gênero, também ressalta que “[...] os gêneros devem desfrutar de uma posição central nos estudos linguísticos, [...], posto que é apenas por meio dele [*sic*] que a comunicação e a interação podem ocorrer” (Azevedo, 2024, p. 45). Compactuando com essas ideias, portanto, este estudo parte do princípio de que os fenômenos linguísticos são afetados por gêneros textuais-discursivos, sendo necessário levá-los em consideração nas pesquisas (sócio)linguísticas, em especial nas de cunho variacionista.

---

<sup>10</sup> Entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial. Para saber mais, cf. Biazolli (2016).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a ocorrência do OD anafórico de terceira pessoa em noticiários de TV dos anos 2000. Para que isso fosse possível, foram empregados alguns procedimentos metodológicos.

Inicialmente, buscamos por trabalhos que pudessem colaborar para o aprofundamento dos conceitos norteadores desta pesquisa. Realizamos pesquisas bibliográficas sobre Sociolinguística, assim como buscamos por materiais que abordassem as correlações entre variação/mudança e gêneros textuais-discursivos. Para essas empreitadas, fizemos uso de obras presentes na Biblioteca Comunitária da UFSCar e na Biblioteca Virtual Pearson, como também fizemos consultas a repositórios nacionais de publicação científica: Catálogo de Teses e Dissertações/CAPES, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, SciELO Brasil e Periódicos/CAPES.

Na sequência, pesquisamos estudos sociolinguísticos que tivessem contemplado, de algum modo, a realização do OD anafórico de terceira pessoa. Para isso, utilizamos principalmente os repositórios nacionais de publicações científicas anteriormente mencionados.

Logo após todas essas etapas, partimos para o trabalho com o *corpus* e com as variantes e as variáveis selecionadas, como descrito a seguir.

#### 3.1 O material analisado

Escolhemos trabalhar com um gênero do domínio jornalístico, como já mencionado, pois textos dessa esfera ainda não foram estudados o suficiente pela Linguística (Biazolli, 2018); além disso, o noticiário de TV é um gênero híbrido, de concepção escrita e meio sonoro (Marcuschi, 2008, 2010), despertando, assim, o interesse em tê-lo como objeto da investigação. Ademais, o fenômeno variável analisado nesta pesquisa pode ser afetado por se tratar de um gênero que é concebido de maneira escrita, visto que na nossa sociedade o que prevalece na escrita é o uso da norma-padrão.

Tivemos acesso a quatro textos representativos do gênero textual-discursivo noticiário de TV, que foram coletados por Biazolli (2016) e estavam devidamente organizados. Foram transcritos textos do *Jornal Nacional*, um dos principais telejornais do Brasil, exibido em horário noturno, de segunda-feira a sábado, e produzido pela Rede Globo.

Foram analisadas aproximadamente 21.500 palavras das transmissões dos dias 30/06/2000, 11/09/2001, 07/06/2002 e 09/08/2003 – cf. quadro 2 –, disponíveis na internet, em um site de compartilhamento de vídeos (Biazolli, 2016).

**Quadro 2** - Informações referentes às análises do Jornal Nacional:  
horas transcritas e número de palavras

<b>Jornal Nacional</b>		
<b>Dia</b>	<b>Horas/minutos</b>	<b>Número de palavras</b>
30/06/2000	31'17''	4.375
11/09/2001	57'00''	7.046
07/06/2002	40'42''	5.885
09/08/2003	33'36''	4.268

**Fonte:** Elaborado pela autora

O noticiário de TV reproduzido no dia 30/06/2000 abordou temas referentes a investigações da polícia federal, flagrantes de trânsito no Brasil, venda de documentos falsos feitos pela polícia, aumento de preços dos medicamentos, o avanço da medicina em relação a transplantes de córnea e jogos esportivos. No dia 11/09/2001, a edição do telejornal foi majoritariamente sobre o atentado terrorista ao *World Trade Center*, mais conhecido como “torres gêmeas”, ocorrido nos Estados Unidos. Já no dia 07/06/2002, foram abordados temas sobre os jogos olímpicos, o desaparecimento de um repórter da Rede Globo, o sequestro de uma jovem, a baixa do dólar e os costumes asiáticos. Por fim, a edição do dia 09/08/2003 foi sobre os jogos Pan-Americanos, uma campanha para aproximar pais e filhos, o projeto Criança Esperança<sup>11</sup>, uma nova maneira de confessar-se ao padre e a vitória do campeão brasileiro Popó no boxe.

### **3.2 Variantes consideradas e variáveis independentes analisadas**

O preenchimento da função de OD anafórico de terceira pessoa é considerado como a *variável dependente* neste estudo. Dessa forma, definimos quatro variantes dessa variável para serem analisadas, baseando-nos em trabalhos anteriores (Omena, 1978; Duarte, 1986; Lima, 2016; Lima, 2022; Azevedo, 2024). As variantes observadas foram: *sintagma nominal*

<sup>11</sup> Criança Esperança é um projeto social criado pela TV Globo, com o objetivo de promover e apoiar iniciativas voltadas ao bem-estar de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil.

(retomada do termo anteriormente referido por uma expressão idêntica ou modificada); *clítico acusativo* (o, os, a, as, lo, los, la, las...); *objeto nulo* (não preenchimento do objeto) e *pronomes lexical* (ele, ela, eles e elas), ilustradas a seguir pelos exemplos<sup>12</sup> (1) a (4), apresentados anteriormente (cf. Introdução).

(1) R4: Mike May ficou cego num acidente quando criança [...]

R4: [...] o oftalmologista que operou *Mike* [...]

(30/06/2000)

(2) A1: terminou nessa madrugada o sequestro que assustou a Disney World em Orlando na Flórida... o sequestrador Bismarck Rodrigues se entregou [...]

A1: Bismarck de trinta-e-nove anos disse que a ex-mulher *o* impedia de ver o filho...

(30/06/2000)

(3) P: [...] segundo a Caixa Econômica o prédio inacabado será vendido agora por dezesseis milhões de reais...

P: [...] e quem *[Ø]* comprar...

(30/06/2000)

(4) AM1: Eu... não consigo dormir.

Não consigo dormir porque  
fico vendo o rosto dele o tempo todo.

Vejo *ele* nos pontos de ônibus. (PT06E01) (Azevedo, 2024, p. 23)

Ao longo das análises, esperamos encontrar um maior número de clíticos, justamente por se tratar de falas, em sua grande maioria, advindas de âncoras e repórteres, sendo previamente escritas e reproduzidas por meio oral. Além disso, outra hipótese levantada é a de

<sup>12</sup> Os exemplos (1) a (3) foram retirados do *corpus*, porém, o exemplo (4) foi retirado de outra pesquisa, pois, conforme será exposto na seção (4), não foram encontradas ocorrências dessa variante nesta pesquisa.

que, se houver pronomes lexicais, estes ocorrerão nas falas das pessoas entrevistadas, por se tratar de falas mais naturais.<sup>13</sup>

### 3.3 Variáveis independentes

A escolha das variáveis linguísticas e extralinguísticas independentes analisadas baseou-se em trabalhos sobre o OD anafórico de terceira pessoa realizados anteriormente, como o de Lima (2016) e o de Azevedo (2024), principalmente. Controlamos uma variável linguística e uma variável extralinguística, sendo elas, respectivamente: *traço semântico do antecedente* e *tema*. Detalhamos as duas variáveis independentes nas próximas subseções.

#### 3.3.1 Traço semântico do antecedente

Neste estudo, escolhemos trabalhar com a variável linguística traço semântico do antecedente por essa variável ter se mostrado relevante em pesquisas realizadas anteriormente (Duarte, 1986; Lima, 2016; entre outros estudos). Optamos por analisar a variável olhando somente para a animacidade do referente [animado] e [não animado], e não para a sua referencialidade, já que dados de OD anafórico oracionais não foram considerados na pesquisa (cf. subseção 3.4). Os exemplos (5) e (6) abaixo, retirados do *corpus* de noticiários de TV, representam cada um dos níveis dessa variável.

##### (5) [Animado]

R2: [...] enquanto os jogadores se adaptam [...]

R2: [...] Luiz Felipe liberou *os jogadores* para uma recreação [...]

(07/06/2002)

##### (6) [Não animado]

R5: [...] biquíni... o maiô...[...]

R5: [...] é melhor nem sugerir [Ø].

(07/06/2002)

---

<sup>13</sup> Cabe destacar que, nos materiais organizados por Biazolli (2016), nem todas as falas das pessoas entrevistadas foram transcritas, já que, para a autora, interessavam outros objetivos.

A hipótese inicial é baseada na pesquisa de Duarte (1986), que tem como resultado um favorecimento do uso do pronome lexical quando o traço é [+ animado] e do objeto nulo quando o traço é [-animado]. Além disso, também levamos em consideração o estudo realizado por Lima (2016), que aponta para o favorecimento dos pronomes lexicais com antecedentes de traço [+ animado] e das demais variantes (sintagma nominal, objeto nulo e clítico acusativo) com referentes de características [- animado].

Esperamos, nesta pesquisa, encontrar um resultado que vá na mesma direção desses dois trabalhos: uma ocorrência maior de pronome lexical com traço [+ animado], e as demais variantes favorecidas pelo traço [- animado].

### 3.3.2 Tema

Para a escolha da variável extralinguística, levamos em consideração o *corpus* do trabalho. Por se tratar de um gênero que abrange diversos temas – noticiário de TV –, surgiu a hipótese de que ele poderia ser relevante na escolha do falante ao realizar o OD anafórico. Além disso, queríamos analisar tanto uma variável linguística, como uma extralinguística.

A escolha dos temas a serem investigados foi inspirada no projeto “Pró-norma plural: do *continuum* fala-escrita para a norma-padrão”, que visa à investigação de usos cultos em gêneros jornalísticos e acadêmicos (Vieira; Lima, 2019; Vieira, em andamento). Escolhemos nos basear na categorização de temas desse projeto por ele lidar com questões semelhantes à presente pesquisa – língua e variação em gêneros jornalísticos. Os temas do “Pró-norma” foram levantados pela equipe a partir das observações dos textos das amostras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Com base nisso, as categorias foram determinadas de acordo com o que estava sendo encontrado nos textos.

Dessa forma, foram selecionados, a princípio, doze temas a serem considerados: cultura; esporte; política; saúde; meio ambiente; problemas sociais; economia; previsão de tempo; educação; ciência e tecnologia; relacionamento; e outros (não abrangidos anteriormente). Entretanto, como será descrito na subseção 3.4, foram encontrados neste *corpus* apenas oito das doze categorias, representados pelos exemplos (7) a (14):

#### (7) [Cultura]

R14: [...] os coreanos adoram tomar sol... mas detestam se bronzear... aqui roupa de praia é sapato... calça... camisa... e por que não chapuzinho?... para as

mulheres... só não vale salto alto porque o risco de encalhar é grande... biquíni...  
o maiô [...]

R14: [...] é melhor nem sugerir **[Ø]**.

(07/06/2002)

### (8) [Esporte]

A2: [...] bom Galvão hoje tem jogo... menos de onze horas pra partida [...]

A2: [...] éh... é ho / dia de ganhar **[Ø]**.

(07/06/2002)

### (9) [Política]

P: o maior cabo eleitoral dessas campanhas tem sido o medo... uns dizem... “se fulano não for eleito... isso vira Argentina” ... outros gritam...

P: [...] já virou **[Ø]** [...]

(07/06/2002)

### (10) [Saúde]

R4: [...] para que Mike pudesse receber o transplante de córnea [...]

R4: [...] e o paciente então... recebeu o *transplante de córnea* [...]

(30/06/2000)

### (11) [Meio ambiente]

R5: [...] o vento forte ajudou a espalhar as chamas [...]

R5: [...] segundo os bombeiros essas condições facilitam *os incêndios* nas florestas [...]

(30/06/2000)

### (12) [Problemas sociais]

A1: [...] o sequestrador Bismarck Rodrigues se entregou depois de onze horas... ele manteve reféns o filho de quatro anos e um garçom [...]

A1: [...] Bismarck de trinta-e-nove anos disse que a ex-mulher o impedia de ver *o filho* [...]

(30/06/2000)

**(13) [Economia]**

R6: [...] a importação de veículos produzidos fora do Mercosul vai ficar mais cara... o imposto acertado pelo Brasil e a Argentina é de trinta-e-cinco por cento e vale a partir de agosto... o que as fábricas dos dois países produzirem em carros... caminhões e tratores [...]

R6: para vender **[Ø]** dentro do mercado comum [...]

(30/06/2000)

**(14) [Previsão do tempo]**

F: sábado de sol em quase todo o Brasil [...]

F: [...] o ar seco que cobre **o país** empurra a frente fria que chegou ao Sudeste para o mar e deixa o tempo ensolarado na grande área clara [...]

(30/06/2000)

Tendo em vista que a relação estabelecida entre a referenciação anafórica e o tema é indireta, justamente por existir um modo como a sociedade valora algumas temáticas e não outras, a hipótese inicial é a de que encontremos a variante padrão, isto é, o clítico acusativo, em maior número nos grupos *política* e *economia*. Isso, por se tratar de temas considerados mais “sérios” – ou seja, por serem temas discutidos principalmente em contextos institucionais, acadêmicos ou em espaços públicos de debate, tendem a ser abordados num tom mais “sério”. É possível que, para isso, o clítico seja a variante utilizada como ferramenta para alcançar essa seriedade. Além disso, esperamos encontrar mais sintagmas nominais e objetos nulos nos temas *esporte* e *cultura*, por serem temas que são considerados mais “descontraídos” que os demais.

**3.4 Decisões metodológicas**

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, algumas decisões metodológicas foram tomadas para que os objetos de estudo estivessem bem delimitados e pudessem ser devidamente analisados, de acordo com o que gostaríamos de obter nos resultados da pesquisa. Decidimos não considerar ODs anafóricos que retomassem antecedentes oracionais. Tal decisão se deu pois esses antecedentes não permitem as quatro variantes no PB – sintagma nominal, pronome lexical, objeto nulo e clítico –, portanto, não os consideramos. Dessa forma, foram analisados apenas os ODs anafóricos que retomavam antecedentes nominais, como no exemplo abaixo.

(15) R4: [...] a mãe de Acelino Popó Freitas nunca tinha deixado a Bahia e pediu ao filho para participar dos quarenta dias de concentração em Miami...

R4: [...] o adversário Jorge Barrios provocou *Popó* [...]

(09/08/2003)

Além disso, inicialmente, estávamos considerando quatro variantes linguísticas – sendo elas: objeto nulo, sintagma nominal, pronome lexical e clítico acusativo. Porém, após as análises dos textos, não foi encontrada nenhuma ocorrência de pronome lexical, o que levou à decisão de desconsiderá-lo nesta pesquisa.

Por fim, após as análises linguísticas, alguns temas foram desconsiderados por não encontrarmos ocorrências dos mesmos dentro do *corpus*. Sendo assim, como já dito, lidamos apenas com os temas cultura, esporte, política, saúde, meio ambiente, problemas sociais, economia e previsão do tempo. Para cada ocorrência do fenômeno linguístico, olhamos para o contexto a fim de identificar cada tema.

### 3.5 O tratamento dos dados

Posteriormente à coleta das ocorrências do *corpus*, seguimos para a codificação dos dados de acordo com as variáveis definidas na pesquisa. Os dados foram organizados em uma planilha do *Excel*, salva no formato .csv, conforme o modelo “caso por variável”, sugerido por Gries (2019 *apud* Azevedo, 2024).

Para a realização das análises estatísticas, escolhemos utilizar a plataforma *R* (R Core Team, 2024), e, por facilitar a visualização dos dados e dos gráficos, optamos utilizá-la pela interface *RStudio*. Com esse auxílio, foram obtidas as frequências e as proporções das variantes de acordo com as duas variáveis independentes. Utilizamos o teste exato de Fisher para constatar se haveria uma diferença significativa na realização do OD anafórico de acordo com cada variável independente analisada.

Por último, realizamos a descrição e a interpretação dos resultados com base nas variáveis e no gênero textual-discursivo noticiário de TV, buscando uma relação entre ambos, como reportado a seguir.

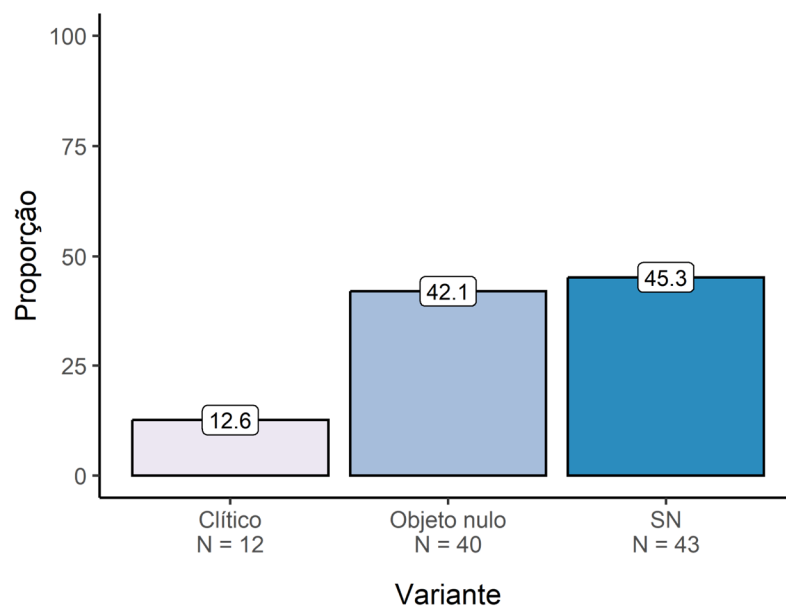
## 4 RESULTADOS E ANÁLISES

Nesta seção, apresentamos os resultados das análises realizadas com os dados do emprego do OD anafórico de terceira pessoa em textos de noticiários de TV, obtidos através das análises estatísticas realizadas com o auxílio da plataforma R (R Core Team, 2024). Discutimos os resultados gerais encontrados e, na sequência, os resultados das variáveis independentes propostas.

### 4.1 Resultados gerais

Foram encontradas, no total, 95 ocorrências de OD anafórico de terceira pessoa no *corpus*, sendo considerados apenas ODs que retomam antecedentes nominais. No gráfico abaixo, podemos observar como se deu a distribuição geral.

**Gráfico 1** - Distribuição geral das variantes do OD anafórico de terceira pessoa em noticiários de TV



**Fonte:** Elaborado pela autora

Podemos observar no gráfico acima que, das 95 ocorrências encontradas de OD, a forma mais utilizada pelos falantes foi o sintagma nominal, correspondendo a 45,3% dos casos, seguida do objeto nulo, com 42,1%, e do clítico acusativo (12,6%). Os exemplos (16) a (18), a seguir, ilustram cada uma dessas estratégias.

**(16) [Sintagma nominal]**

A2: [...] e a sua colaboração é muito importante... basta um simples telefonema para fazer a doação [...]

A2: [...] para garantir *a doação* [...]

(09/08/2003)

**(17) [Objeto nulo]**

R3: [...] pouco a pouco os fiéis vão chegando e saindo dos confessionários [...]

R3: [...] tem que instruir */Ø/* [...]

(09/08/2003)

**(18) [Clítico acusativo]**

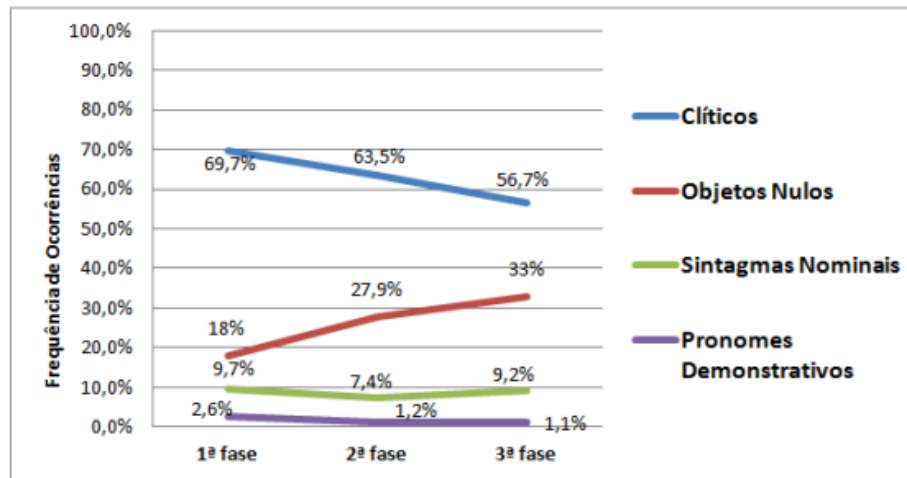
A2: [...] e o atletismo brasileiro ganhou medalha de ouro ainda nos mil-e-quinhetos metros... Hudson de Souza dominou a prova [...]

A2: [...] dois americanos ainda tentaram alcançá-*lo* [...]

(09/08/2003)

A hipótese proposta, inicialmente, era a de que encontraríamos uma quantidade maior de clíticos nos noticiários, por se tratar de um gênero híbrido – de concepção escrita e meio sonoro (Marcuschi, 2008, 2010), visto que a forma escrita valoriza o uso da norma-padrão. No entanto, percebemos que, apesar de ser um gênero concebido pela escrita, o uso do clítico, assim como na fala, se mostrou expressivamente menor do que das demais variantes, indo na mesma direção de pesquisas como a de Omena (1978), de Duarte (1986), de Mendonça (2004) e de Lima (2016), que apontam para um quase apagamento do clítico no PB no que se refere à língua falada.

Para reforçar o declínio do clítico também na escrita, o estudo realizado por Costa (2012) sobre as realizações do objeto direto anafórico de terceira pessoa na imprensa baiana dos séculos XIX e XX já apontava um uso alto de clítico acusativo nas primeiras fases das análises (de 1833 a 1850 e de 1898 a 1900), mas que, ao longo do tempo, foi diminuindo, como mostra o gráfico a seguir, que também contempla a terceira fase (1945-1948) examinada.

**Gráfico 2** - Estratégias de realização dos objetos diretos anafóricos ao longo do tempo (Costa, 2012)

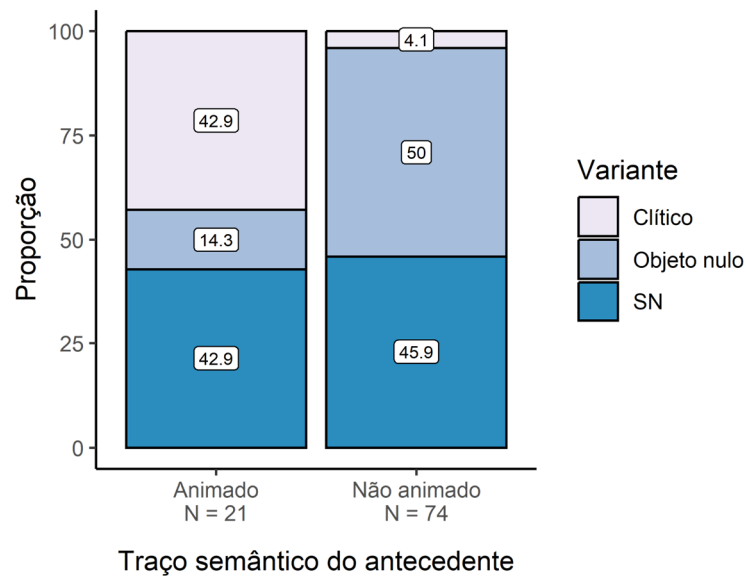
Fonte: Costa (2012, p. 117)

Como podemos notar, o uso do clítico ao longo dos anos tem se mostrado cada vez menos presente, mesmo em contextos mais formais, como no caso dos jornais escritos da imprensa baiana dos séculos XIX e XX, e, atualmente, nos telejornais, como no caso das edições analisadas nesta pesquisa do Jornal Nacional.

Porém, ao analisar os resultados de Duarte (1989), notamos que, em entrevista de TV, os números de clíticos (11,4%) são consideravelmente maiores que os que aparecem em novelas (5,6%) e em falas naturais (4%). Isso demonstra que, apesar de o clítico estar em declínio, seu uso é maior em contextos em que, em algum grau, pode prevalecer a concepção escrita – com a presença, por exemplo, de roteiros previamente escritos. Esses dados reforçam a pertinência de um olhar mais aprofundado para a questão da natureza híbrida de determinados gêneros.

#### 4.2 O traço semântico do antecedente

Quando olhamos para a variável traço semântico do antecedente, observamos uma clara preferência dos falantes pelo uso do clítico quando o antecedente é animado, tendo uma diferença significativa no uso dos clíticos quanto ao antecedente não animado, como mostra o gráfico abaixo.

**Gráfico 3** - Distribuição dos resultados de acordo com a variável traço semântico do antecedente

**Fonte:** Elaborado pela autora

Como podemos observar, identificamos 21 ocorrências de antecedentes animados e 74 de antecedentes não animados. Com antecedentes de traço não animado, a maior parte das ocorrências correspondeu à variante objeto nulo, com 50% dos casos, seguida de sintagma nominal (45,9%) e clítico acusativo (4,1%). Já quando o traço era animado, as variantes apresentaram as seguintes porcentagens: 42,9% para sintagma nominal, 42,9% para clítico e 14,3% para objeto nulo.

Nesse contexto, destacamos a diferença significativa na proporção de clítico com referentes com traço animado e com traço não animado: enquanto nas ocorrências com antecedentes animados os clíticos atingiram 42,9%, naquelas com antecedentes não animados essa porcentagem é bem menor, atingindo apenas 4,1%. Desse modo, apesar do uso relativamente baixo do clítico, é possível pensar que essa forma foi favorecida pelo traço [+ animado] do referente, ao passo que antecedentes de traço [- animado] favoreceram o objeto nulo, assim como já reportado por Omena (1978). É válido notar, ainda, que a diferença entre o traço [+ animado] e [- animado] no sintagma nominal é baixa, sugerindo que esse fator não exerce influência no uso dessa variante. Abaixo trazemos os exemplos (19) e (20) de OD anafórico de terceira pessoa com antecedente animado e não animado, reproduzidos dos exemplos (5) e (6).

**(19) [Animado]**

R2: [...] enquanto os jogadores se adaptam [...]

R2: [...] Luiz Felipe liberou *os jogadores* para uma recreação [...]

(07/06/2002)

**(20) [Não animado]**

R5: [...] biquíni... o maiô...[...]

R5: [...] é melhor nem sugerir [ $\emptyset$ ].

(07/06/2002)

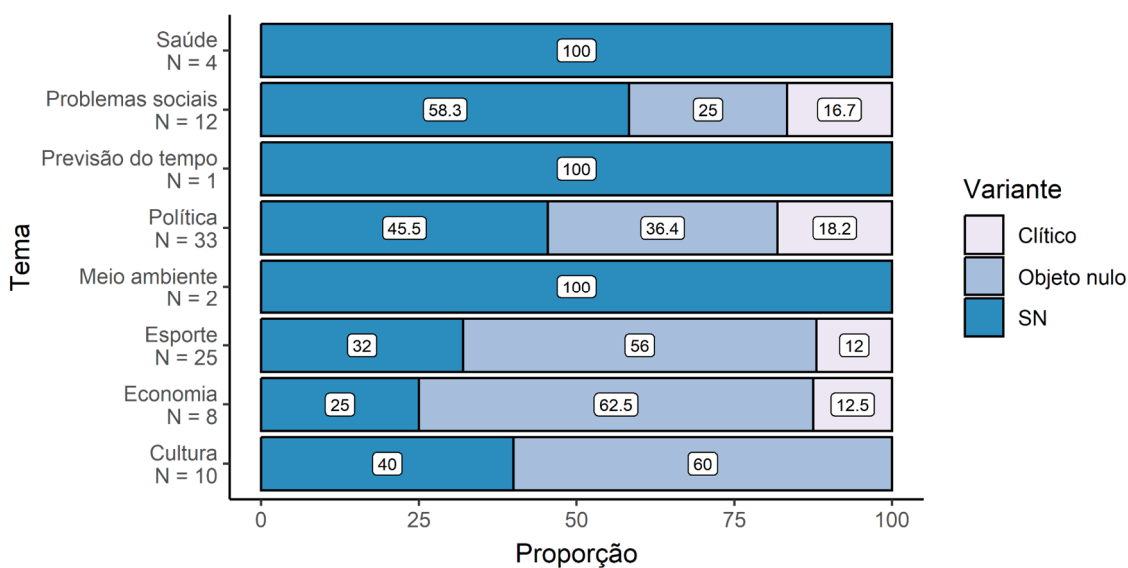
Ao realizar o teste exato de Fisher, concluímos que as diferenças entre os dados provenientes do uso das variantes do OD anafórico de terceira pessoa de acordo com o traço semântico do antecedente encontrados no *corpus* são estatisticamente significativas ( $p < 0,001$ ). Isso significa que o traço semântico do antecedente influencia na escolha do uso das variantes do OD anafórico de terceira pessoa, sendo necessário levar em conta, porém, que esse resultado provavelmente se deve à diferença marcante entre o clítico e o objeto nulo, já que não há uma diferença tão expressiva no uso do sintagma nominal de acordo com o traço semântico do antecedente.

Como não encontramos nenhuma ocorrência de pronome lexical, podemos concluir que, com exceção do clítico e do sintagma nominal, os resultados obtidos nesta pesquisa vão na mesma direção do trabalho de Duarte (1986), que aponta o favorecimento do objeto nulo diante de referentes de traço [- animado], e da pesquisa de Lima (2016), que apresenta o favorecimento do objeto nulo e do sintagma nominal com antecedentes [- animado].

**4.3 O tema**

Em relação à variável tema, como mencionado na seção 3, estávamos considerando inicialmente 12 temas. Após as análises, foram encontrados somente estes oito temas: política; esporte; problemas sociais; cultura; economia; saúde; meio ambiente; e previsão de tempo. Podemos observar os resultados no gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Distribuição dos resultados de acordo com a variável tema



Fonte: Elaborado pela autora

Notamos que houve um uso mais recorrente das variantes do OD anafórico quando o tema foi *política*, com 33 ocorrências, sendo 45,5% de sintagmas nominais, 36,4% de objetos nulos e 18,2% de clíticos. *Esporte* ficou em seguida com 25 ocorrências, com 56% de objetos nulos, 32% de sintagmas nominais e 12% de clíticos. Para *problemas sociais*, foram registradas 12 ocorrências, das quais 58,3% eram sintagmas nominais, 25% objetos nulos e 16,7% clíticos. Já o tema *cultura* contou com 10 ocorrências, com 40% de sintagmas nominais e 60% de objetos nulos. *Economia* teve 8 ocorrências, divididas em 25% de sintagmas nominais, 62,5% de objeto nulo e 12,5% de clíticos.

Os temas *saúde* e *meio ambiente* ocorreram em menor número: *saúde* registrou 4 ocorrências, todas compostas por sintagmas nominais; e *meio ambiente* teve 2 ocorrências, também exclusivamente de sintagmas nominais. Por fim, o tema *previsão do tempo* teve apenas 1 ocorrência de sintagma nominal. Os trechos abaixo, retirados do *corpus*, exemplificam cada um dos temas abordados.

### (21) [Política]

R1:[...] o Tribunal Regional Federal convocou uma reunião extraordinária de seus desembargadores... eles decidiram pedir à Polícia Federal que abra um inquérito para apurar as denúncias de corrupção e tráfico de influência [...]

R1:[...] ao mesmo tempo uma comissão de desembargadores vai investigar *as denúncias* aqui dentro do Tribunal [...]

(30/06/2000)

**(22) [Esporte]**

A2: Alonso sofreu pênalti...

A2: Giovani bateu **/Ø/** [...]

(07/06/2002)

**(23) [Problemas sociais]**

A2: Quatro pessoas morreram hoje no choque entre um táxi e uma carreta no Triângulo Mineiro [...]

A2: [...] de acordo com a Polícia o motorista que provocou *o acidente* estava embriagado [...]

(07/06/2002)

**(24) [Cultura]**

R3:[...] este católico diz que paga os impostos em dia... infelizmente [...]

R3: e seria pecado não pagar**/Ø/**?[...]

(09/08/2003)

**(25) [Economia]**

A2: O número de trabalhadores com carteira assinada no Brasil aumentou zero vírgula setenta-e-oito por cento em maio... segundo o Ministério do Trabalho foi o maior crescimento percentual da década [...]

A2: [...] foram criadas cento-e-sessenta-e-duas-mil-oitocentas-e-trinta-e-sete novas vagas... o setor agrícola foi o que mais empregou **/Ø/** [...]

(30/06/2000)

**(26) [Saúde]**

A1: [...] para que Mike pudesse receber o transplante de córnea.. primeiro ele tirou uma célula-mãe de uma córnea jovem de um doador [...]

A1:[...] e o paciente então... recebeu *o transplante de córnea* [...]

(30/06/2000)

**(27) [Meio ambiente]**

R5: este é o maior incêndio dos últimos vinte anos no Parque Nacional da Tijuca... a cada momento... surgem novos focos... apesar de pequenos [...]

R5:[...] foram registrados outros setenta-e-um pontos de incêndio... o vento forte ajudou a espalhar *as chamas* [...]

(30/06/2000)

**(28) [Previsão do tempo]<sup>14</sup>**

F: sábado de sol em quase todo o Brasil [...]

F: [...] o ar seco que cobre *o país* empurra a frente fria que chegou ao Sudeste para o mar e deixa o tempo ensolarado na grande área clara [...]

(30/06/2000)

Ao analisar os resultados, constatamos que os sintagmas nominais predominam em temas relacionados a *meio ambiente*, *previsão do tempo*, *problemas sociais*, *saúde* e *política*. O objeto nulo teve maior porcentagem nos temas *cultura*, *economia* e *esporte*. Por outro lado, o clítico apresentou o menor número de ocorrências para todos os temas analisados, sendo importante destacar, porém, que ele aparece somente nos textos acerca de *problemas sociais*, *política*, *economia* e *esporte*. De maneira geral, os três primeiros temas podem ser considerados mais “sérios” ou “formais”, o que possivelmente poderia explicar o uso dos clíticos nesse contexto, já que essa é uma variante associada a níveis mais altos de formalidade, ou seja, os resultados permitem confirmar parcialmente a hipótese inicial, com exceção da expectativa relacionada a textos sobre esporte. Nesse caso, com *esporte*, que retomou em sua grande maioria antecedentes não animados como “bola” e “pênalti”, justificando o uso mais expressivo do objeto nulo e do sintagma nominal, notamos que todos os clíticos ocorridos com esse tema faziam referência a antecedentes animados. Desse modo, é possível que a ocorrência do clítico em textos sobre *esporte* tenha sido influenciada pela outra variável independente deste estudo, isto é, o traço semântico do antecedente, sendo necessário realizar um cruzamento futuro para entender se isso aconteceu de fato.

Embora tenha sido observada a variável tema, ela não se mostrou relevante nesta pesquisa. Ao realizar o teste exato de Fisher, constatamos que essa variável não foi estatisticamente significativa na escolha dos falantes dentre as variantes analisadas ( $p = 0.2842$ ).

<sup>14</sup> Este exemplo reproduz o que já foi apresentado no exemplo (14), pois só foi encontrada uma ocorrência desse fator (“previsão do tempo”) no *corpus* todo.

Essa conclusão contraria a hipótese inicial de que o tema, como um fator externo, poderia influenciar a escolha dos falantes ao realizar as quatro variantes do OD anafórico de terceira pessoa; porém, o baixo número de dados em certos temas impossibilitou a obtenção de resultados conclusivos sobre sua relevância nesse contexto. Assim, é importante que outros estudos considerem essa variável, a fim de testar se ela, realmente, não exerce influência sobre a utilização do OD anafórico de terceira pessoa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou colaborar com os estudos sociolinguísticos variacionistas analisando a ocorrência do OD anafórico de terceira pessoa no gênero textual-discursivo noticiário de TV. Foram realizadas pesquisas bibliográficas partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]) e de estudos que foram realizados anteriormente acerca das formas de realização do OD anafórico de terceira pessoa no PB: Omena (1978), Duarte (1986), Lima (2016), Gianchin (2016) e Azevedo (2024).

Além de tais embasamentos, nos pautamos na noção de gênero textual-discursivo discutida por Bakhtin (2016[1979]) e Marcuschi (2005, 2008, 2010). Pesquisas variacionistas que relacionam gênero e variação linguística também foram levadas em consideração para o desenvolvimento do trabalho (Biazolli, 2016, 2018; Vieira; Lima, 2019; Biazolli; Berlinck, 2021).

Inicialmente, foram consideradas quatro variantes do OD anafórico de terceira pessoa – objeto nulo, pronome lexical, sintagma nominal e clítico acusativo –; porém, o pronome lexical foi excluído da análise, posto que não houve nenhuma ocorrência dessa variante. O *corpus* foi composto por quatro textos dos anos 2000 que materializam o gênero textual-discursivo noticiário de TV, representativos do Jornal Nacional e organizados por Biazolli (2016).

Os resultados encontrados em tais materiais foram submetidos a uma análise estatística realizada através da plataforma *R* (R Core Team, 2024), em sua interface *RStudio*, por meio da qual pudemos obter as frequências e proporções e realizar os testes exatos de Fisher.

Partimos da hipótese geral de que o gênero textual-discursivo noticiário de TV, por ser um gênero híbrido – de concepção escrita e meio sonoro (Marcuschi, 2008, 2010) –, favoreceria o uso da variante padrão. Em relação às variáveis traço semântico do antecedente e tema, esperávamos que ambas fossem significativas na escolha dos falantes ao usarem as variantes que analisamos. Além disso, para a variável traço semântico do antecedente, esperávamos um maior uso de pronomes lexicais com traço [+ animado] e, para as demais variantes, um favorecimento do uso [- animado], tomando como base pesquisas anteriores (Duarte, 1986; Lima, 2016). Em relação à variável tema, esperávamos encontrar a variante clítico acusativo em temas considerados mais “sérios”, como política e economia. Em relação aos objetos nulos e sintagmas nominais, a hipótese era de encontrá-los em um contexto mais “descontraído”, como nos temas esporte e cultura. Não havia muitas expectativas de encontrar pronomes

lexicais, porém, pensamos que poderiam aparecer em sua maioria em falas de pessoas entrevistadas.

Após a coleta de dados e análises estatísticas, obtivemos os seguintes resultados: 95 ocorrências no total, sendo o clítico a menos utilizada, com 12,6%, o objeto nulo com 42,1% dos casos e, com a maior porcentagem, o sintagma nominal (45,3%). A hipótese proposta, inicialmente, era a de que encontraríamos uma quantidade maior de clíticos, por se tratar de um gênero híbrido – de concepção escrita e meio sonoro (Marcuschi, 2008, 2010). Isso não se confirmou, já que o uso do clítico se mostrou significativamente menor do que as demais variantes, indo na mesma direção de pesquisas como a de Omena (1978), Duarte (1986), Mendonça (2004) e Lima (2016). Sendo assim, percebemos que o clítico acusativo parece estar em processo de desaparecimento no PB, mesmo em contextos mais formais – jornais, como mostrou a pesquisa de Costa (2012), e telejornais – pelo menos com base nos dados aqui obtidos.

O fator linguístico traço semântico do antecedente se mostrou relevante após a realização do teste exato de Fisher ( $p = 1.802 \text{ e-}5$ ). Foram identificadas 21 ocorrências de antecedentes animados e 74 de antecedentes não animados. A maior parte das ocorrências com traço não animado correspondeu à variante objeto nulo, com 50% dos casos, seguida de sintagma nominal (45,9%) e clítico acusativo (4,1%). Já com traço animado, as variantes apresentaram as seguintes porcentagens: 42,9% para sintagma nominal, 42,9% para clítico e 14,3% para objeto nulo. Houve uma diferença significativa na proporção de clítico entre os traços animados e não animados. Enquanto no traço animado o clítico atingiu 42,9%, no traço não animado, essa porcentagem é consideravelmente menor, atingindo apenas 4,1%. Olhando para pesquisas anteriores, notamos que Omena (1978) mostra em sua pesquisa que o traço semântico do antecedente [-animado] é um fator que condiciona o apagamento do objeto. Sendo assim, conforme os resultados encontrados aqui, podemos pensar que o clítico acusativo é condicionado pelo traço [+animado].

Para a variável tema, inicialmente, consideramos os seguintes níveis: cultura; esporte; economia; política; saúde; educação; meio ambiente; problemas sociais; ciência e tecnologia; relacionamento; previsão do tempo; e outros (não abrangidos anteriormente). Entretanto, após as análises, foram encontrados somente oito temas no *corpus* examinado, sendo eles: política; problemas sociais, previsão do tempo; economia; saúde; meio ambiente; esporte; e cultura. Constatamos que o uso mais recorrente das variantes do OD anafórico foi com o tema política, com 33 ocorrências, sendo 45,5% de sintagmas nominais, 36,4% de objetos nulos e 18,2% de clíticos. Esporte registrou 25 ocorrências, com 56% de objetos nulos, 32% de sintagmas

nominais e 12% de clíticos. Dados oriundos de notícias sobre problemas sociais registraram 12 ocorrências, das quais 58,3% eram sintagmas nominais, 25% objetos nulos e 16,7% clíticos. Já o tema cultura contou com 10 ocorrências, com 40% de sintagmas nominais e 60% de objetos nulos. Economia teve 8 ocorrências, divididas em 25% de sintagmas nominais, 62,5% de objetos nulos e 12,5% de clíticos. Os temas saúde e meio ambiente ocorreram em menor número: saúde com 4 ocorrências de sintagmas nominais, e meio ambiente com 2 ocorrências, também exclusivamente de sintagmas nominais. Por fim, o tema previsão do tempo teve apenas 1 ocorrência de sintagma nominal.

Verificamos que os sintagmas nominais predominaram em temas relacionados a meio ambiente, previsão do tempo, problemas sociais, saúde e política. O objeto nulo teve maior porcentagem nos temas cultura, economia e esporte. Por outro lado, o clítico apresentou o menor número de ocorrências em todas as variáveis analisadas, sendo interessante notar, porém, que ele apareceu apenas em temas tidos como mais “sérios”, como problemas sociais, política e economia, e em textos sobre esporte, contexto no qual se supõe haver uma influência do traço semântico para a realização do clítico, já que ele ocorreu somente com antecedentes de traço [+animado].

Os resultados da variável tema foram analisados e submetidos ao teste exato de Fisher, sendo constatado que os temas não foram estatisticamente significativos nesta pesquisa ( $p = 0.2842$ ). Porém, por haver um baixo número de dados em certos temas, os resultados não podem ser conclusivos sobre sua relevância nesse contexto.

Podemos concluir que, apesar de termos analisado somente duas variáveis (uma linguística e outra extralinguística) e reconhecermos a necessidade de refinamentos nas etapas aqui desenvolvidas – tais como a ampliação do número de noticiários analisados e o aprofundamento cada vez maior das análises, não só por meio da inclusão de novas variáveis independentes ao estudo, mas também ao considerar características específicas do gênero –, os resultados obtidos neste estudo fornecem informações importantes sobre a realização do OD anafórico de terceira pessoa no gênero textual-discursivo noticiário de TV. Por fim, ressaltamos a importância dos gêneros nos estudos variacionistas e esperamos que os resultados aqui encontrados possam se somar aos outros estudos sociolinguísticos variacionistas já apresentados sobre o tema e colaborar com os próximos que serão realizados.

## 6 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, L. O. **A língua na tela: descrição e análise da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em legendas profissionais e fansubs.** 2024. 217 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela linguística.** 17. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016[1979].
- BELINE, R. A variação linguística. *In: Fiorin, J, L. (org). Introdução à linguística.* São Paulo: Contexto, 2010. p. 121-140.
- BIAZOLLI, C. C. **Inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma na variação da posição de clíticos pronominais.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.
- BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma.** 2016. 381 f. Doutorado (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.
- BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. Por que investigar processos de variação e mudança linguísticas por meio de gêneros textuais-discursivos? *In: BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. de A. (org.). Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança.* Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 13-38.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CALVET, J-L. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015.
- COSERIU, E. A língua funcional. *In: COSERIU, E. Lições de Linguística Geral.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. p. 101-117.
- COSTA, T. M. **Um estudo diacrônico das variadas realizações do objeto direto anafórico na imprensa baiana dos séculos XIX e XX.** 2012. 225 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. *In: TARALLO, F. Fotografias sociolinguísticas.* Campinas: Pontes Editores, 1989. p. 19-34.
- DUARTE, M. E. L. **Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil.** 1986. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística aplicada ao ensino de línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.
- GIACHIN, A e S. **Descrição diacrônica da presença/ausência do sujeito e das variedades do objeto direto anafórico em jornais catarinenses.** 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Curso de Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó - SC, 2016.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LAGE, N. **Estrutura da notícia.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, M. D. A. de O. **Continuum de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s) culta(s): o acusativo anafórico de terceira pessoa e a ordem dos clíticos pronominais.** 2022. 313 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

LIMA, T. M. de. **O emprego do objeto direto anafórico de terceira pessoa na língua falada de Fortaleza.** 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Redenção - Ceará, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino.** 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MENDONÇA, V. de A. **O objeto direto anafórico na fala Mata Grandense e Paulistana: um estudo comparativo.** 2004, 97f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2004.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010a. p. 9-14.

MOLLICA, M. C. Relevância de variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010b. p. 27-31.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 43-50.

OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, [S.L.], v. 5, n. 9, p. 1-30, ago. 2007.

OMENA, N. P. de. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro-RJ, 1978.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. Vienna: R. Foundation for Statistical Computing, 2024. Disponível em: <<http://www.R-project.org/>>. Acesso em: 07 jan. 2025.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 2007[1986].

VIEIRA, S. R. (Coord.) **Projeto Pró-norma plural: do *continuum* fala-escrita para a norma-padrão (em andamento)**.

VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. O. (org.). **Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão**. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968].